

## A PESQUISA PARTICIPANTE:

**Interação/Transformação no cenário dos agrotóxicos em Ronda Alta (RS)**

LA INVESTIGACIÓN PARTICIPANTE:

Interacción/Transformación en el escenario de plaguicidas en Ronda Alta (RS)

*Carla Agostini<sup>(\*)</sup>*  
*Rafael Arenhaldt<sup>(\*\*)</sup>*

### RESUMO

O uso dos agrotóxicos agrícolas possui impacto direto na saúde humana, tendo como consequência as intoxicações exógenas. Em contradição aos números elevados de comercialização destes produtos, que sugere sua utilização em larga escala, os números oficiais referentes às notificações das intoxicações exógenas por agrotóxicos agrícolas são insignificantes. em Ronda Alta, esse aspecto não é diferente. A pesquisa que originou a escrita deste artigo teve como objetivo implementar ações de Educação Permanente em Saúde (EPS) e de Educação Popular em Saúde, a fim de qualificar a prática das notificações por intoxicação exógena por agrotóxicos agrícolas. Desenvolvida como uma pesquisa participante de abordagem qualitativa, o público-alvo selecionado foram os profissionais de saúde da Atenção Básica, do serviço de urgência e emergência da Associação dos Trabalhadores de Ronda Alta, além da população exposta. Foram realizadas 25 atividades formativas de EPS e de Educação Popular em Saúde, com a participação de 238 pessoas, mais a socialização de um repositório virtual com informações sobre agrotóxicos agrícolas e EPS aos profissionais da saúde. A pesquisa indica que as intoxicações exógenas por agrotóxicos agrícolas acontecem de forma grave e rotineira em Ronda Alta, mas não estão sendo registradas no sistema oficial de notificação, ocasionado tanto pela falta de procura da população exposta aos serviços de saúde como pelas informações limitadas por parte das equipes de saúde que atuam no cenário da investigação. O estudo, através da pesquisa participante, oportunizou a reflexão crítica por parte da população exposta em relação à sintomatologia causada pelas intoxicações exógenas causadas pelos agrotóxicos agrícolas, bem como dos profissionais de saúde acerca das características do seu território de atuação, dando visibilidade para o cenário da problemática dos agrotóxicos agrícolas, na perspectiva de contribuir para a redução da morbimortalidade decorrente da exposição aos agrotóxicos agrícolas em Ronda Alta. Levando em consideração os movimentos da pesquisa, foi elaborado um Produtos Técnico de Comunicação Programa de Rádio/Podcast – “Momento Saúde” para popularizar as informações da pesquisa. Este artigo aborda o percurso metodológico da Pesquisa Participante, se mostrando como o grande diferencial, contribuindo para o sucesso da pesquisa e como potência de transformação no cenário dos agrotóxicos agrícolas em Ronda Alta (RS).

**Palavras-chave:** Agrotóxicos. Educação em Saúde. Educação Permanente em Saúde. Intoxicação. Notificação de Doenças.

---

<sup>(\*)</sup> Mestra em Ensino na Saúde; Prefeitura Municipal de Ronda Alta- RS, Secretaria Municipal da Saúde; agostini.carla@gmail.com

<sup>(\*\*)</sup> Professor Adjunto da FACED e Professor Permanente do PPGENSAU da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS; rafael.arenhaldt@ufrgs.br

**RESUMEN**

El uso de pesticidas agrícolas tiene un impacto directo en la salud humana, provocando intoxicaciones exógenas. Al contrario de las elevadas cifras de venta de estos productos, que sugieren su uso a gran escala, las cifras oficiales relativas a las notificaciones de intoxicaciones exógenas por pesticidas agrícolas son insignificantes y, en Ronda Alta, este aspecto no es diferente. La investigación que motivó la redacción de este artículo tuvo como objetivo implementar acciones de Educación Permanente para la Salud (EPS) y Educación Popular para la Salud, con el fin de calificar la práctica de notificaciones por intoxicaciones exógenas por plaguicidas agrícolas en Ronda Alta. Desarrollado como una investigación participativa con enfoque cualitativo. El público seleccionado fueron profesionales sanitarios de Atención Primaria, del servicio de urgencias y emergencias de la Asociación de Trabajadores de Ronda Alta, además de la población expuesta. Se realizaron 25 actividades de capacitación de EPS y Educación Popular para la Salud, con la participación de 238 personas, además de compartir un repositorio virtual con información sobre plaguicidas agrícolas y EPS para profesionales de la salud. La investigación indica que las intoxicaciones exógenas por pesticidas agrícolas se produce de forma grave y rutinaria en Ronda Alta, pero no están siendo registradas en el sistema de notificación oficial, provocadas tanto por la falta de demanda de servicios sanitarios por parte de la población expuesta como por la limitada información por parte de los equipos de salud que trabajan en el escenario de la investigación. El estudio, a través de una investigación participativa, brindó la oportunidad de reflexión crítica por parte de la población expuesta en relación a los síntomas provocados por la intoxicación exógena por plaguicidas agrícolas, así como de los profesionales de la salud sobre las características de su territorio de operación, dando visibilidad al escenario el problema de los plaguicidas agrícolas, con el objetivo de contribuir a la reducción de la morbilidad y mortalidad derivadas de la exposición a plaguicidas agrícolas en Ronda Alta. Teniendo en cuenta los movimientos de investigación, se creó un Programa de Radio/*Podcast* de Productos de Comunicación Técnica – “Momento Saúde” para popularizar las informaciones de investigación. Este artículo aborda el camino metodológico de la Investigación Participante, que resultó ser la gran diferencia, contribuyendo al éxito de la investigación y como potencial de transformación en el escenario de los plaguicidas agrícolas en Ronda Alta (RS).

**Palabras clave:** Pesticidas. Educación para la Salud. Educación Continua para la Salud. Notificación de enfermedades.

**APRESENTAÇÃO**

Durante a caminhada do Mestrado Profissional Ensino na Saúde, que tive o privilégio de cursar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), fui apresentada pelo meu orientador, professor Dr. Rafael Arenhaldt a uma forma “diferente” dos tradicionais percursos metodológicos destinados às pesquisas acadêmicas que eu conhecia: a pesquisa participante. Foi neste momento também, que tive o primeiro contato e a noção de toda a grandiosidade da obra de Carlos Rodrigues Brandão, através do site de sua autoria: “A partilha da Vida” (BRANDÃO, 2024).

Como resultado deste mestrado desenvolvi o Projeto de Pesquisa “Intoxicações Exógenas Causadas por Agrotóxicos Agrícolas: Ações para Qualificar o Processo de

Notificação”, resultando na dissertação: “Agrotóxicos agrícolas e a notificação de intoxicações exógenas: análises para a educação em saúde”, defendida e aprovada em junho de 2023. Preciso confessar que minha “reação” à Pesquisa Participante foi “amor à primeira vista” e identificação. Isto porque, sempre me frustrei com a “distância” que, normalmente, as pesquisas acadêmicas têm das pessoas/comunidades que são objetos de seus estudos.

Grande parte das pesquisas acadêmicas que tive acesso, pela leitura de material técnico/científico para servir de base para a elaboração da pesquisa de minha autoria, a participação das pessoas/comunidades não se deu nada além da simples coleta de dados. A analogia (pesada e arriscada) que faço dessa situação é de que, para a ciência, estas pessoas/comunidades são tratadas simplesmente como ratos de laboratório, pois a academia entra em seus territórios, coleta os dados que são interessantes à pesquisa e vai embora. Simples assim.

Trazendo esta realidade para o tema que escolhi para pesquisar, a grande maioria dos estudos relacionados aos agrotóxicos agrícolas que tive a oportunidade de consultar (e que, preciso registrar, foram muitos) abordavam principalmente as questões epidemiológicas das intoxicações exógenas por agrotóxicos agrícolas, como número de notificações por municípios, estados e país, período do ano de maior notificação, faixa etária e sexo dos intoxicados, além do tipo do agente tóxico causador da intoxicação e os que possuem maior impacto nas intoxicações. Detectam de forma muito robusta o problema, mas, a partir daí, o que se fazer com o problema, estudos que tragam/apontem uma solução ou simples ideia de ação, ainda são raridade de serem encontrados no mundo acadêmico.

Como pesquisadora e autora de uma dissertação, desde o início almejava poder realizar uma pesquisa diferente, com/junto ao público alvo selecionado, e que, ao mesmo tempo, esta pesquisa também fizesse sentido para a população participante. A pesquisa que tive o privilégio de desenvolver me permitiu pesquisar junto à população de uma pequena cidade gaúcha de nome Ronda Alta, e que é também a minha comunidade, onde resido e trabalho.

Meu questionamento interno/pessoal e ético, sempre se deu no sentido de “do que adianta uma pesquisa descobrir/caracterizar o maior problema com a melhor/a mais atual dissertação/tese científica se, de fato, depois dessa descoberta não conseguir fazer

nada para mudar o problema ou transformar a vida das pessoas que vivem aquele “problema de pesquisa” “de verdade”? E, é isso que, normalmente nós, pesquisadores no âmbito acadêmico, somos treinados a exercitar: “Qual é o seu problema de pesquisa?”.

Essa maneira “tradicional” de pesquisar poderia satisfazer a demanda acadêmica da pesquisadora Carla, para simplesmente cumprir as normas/regras acadêmicas, mas nem de longe conseguiriam satisfazer os princípios de uma Carla que é também um ser humano ético, político e social.

É importante registrar também que a pesquisa que realizei seguiu todo o rigor acadêmico, sendo elaborada de acordo com as exigências presentes nos documentos exigidos pela Resolução n. 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (Brasil, 2012), tendo sido aprovado tanto pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Medicina da UFRGS quanto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFRGS, via Plataforma Brasil, sob parecer número 5.699.137 em 13 de outubro de 2022. As atividades de campo da pesquisa iniciaram somente após a emissão do parecer favorável de ambas as partes.

## INTRODUÇÃO

O fato de morar em um sítio urbano, que tenta ser o mais agroecológico possível na sua produção, mas que regularmente sofre o impacto direto dos agrotóxicos agrícolas das lavouras vizinhas, pelo fenômeno da deriva, me permitiu caracterizar o meu “tão famoso”, problema de pesquisa. Este sítio está localizado na cidade de Ronda Alta, uma pequena cidade situada no extremo norte do Rio Grande do Sul (RS). A população estimada para este município no último censo foi de 9.777 habitantes (IBGE, 2022).

Por suas condições de clima e de solo Ronda Alta apresenta forte potencial agrícola imperando a monocultura da soja cultivada no modelo convencional (RONDA ALTA, 2017) e, que, por consequência, utiliza grandes quantidade de agrotóxicos agrícolas na sua produção (SILVA *et al.*, 2004).

De acordo com o Sistema Integrado de Gestão de Agrotóxicos (SIG@) da Secretaria Estadual da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural do Rio Grande do Sul, o volume de agrotóxicos comercializados, no ano de 2018, em Ronda Alta, foi

de 144.870,078 litros, mais 53.626,426<sup>1</sup> (RIO GRANDE DO SUL, 2019), o equivalente a 14,81 litros/habitante. Os quantitativos de comercialização de agrotóxicos nos anos seguintes são ainda maiores: em 2019 – 152.872,712 litros, mais 49.016,469 kg; 2020 – 157.355,528 litros, mais 61.888,104 kg; 2021 – 257.691,229 litros, mais 81.831,258 kg. Em 2022, 198.418,650 litros, mais 52.415,317 kg (RIO GRANDE DO SUL, 2023).

Os agrotóxicos de maneira geral, tanto os de uso agrícola e como os de uso não agrícola, já que existem diferentes tipos de agrotóxicos (BRASIL,1989), possuem impacto direto na saúde humana, tendo como principal agravo as intoxicações exógenas causadas por agrotóxicos. Para o levantamento do problema de pesquisa que deu origem a pesquisa que originou esta escrita, priorizam-se somente as intoxicações exógenas cujo agente tóxico causador tenha sido “agrotóxico agrícola”.

Somado ao grande quantitativo de agrotóxicos comercializados nesta cidade, outro fator que contribui para a exposição dos seres humanos aos agrotóxicos agrícolas em Ronda Alta é que as lavouras produtoras de grãos não são exclusividade da sua área rural. Toda área urbana é, também, cercada por lavouras produtoras de grãos, como mostra a figura 01.

---

<sup>1</sup> É preciso explicar que, a diferença da medida “Kg” e “litros” se dá pelo fato de alguns princípios ativos de agrotóxicos serem comercializados na forma líquida e outros na forma sólida.

**Figura 1-** Lavouras produtoras de grãos no entorno da área urbana de Ronda Alta (RS)



Fonte: Acervo da autora, 2019.

Todo episódio suspeito de intoxicação é de registro obrigatório no Sistema de Agravos de Notificação (Sinan) do Ministério da Saúde (MS) (RIO GRANDE DO SUL, 2016) que, nacionalmente, é o sistema oficial do MS para este tipo de registro.

Em contradição aos números altíssimos de comercialização de agrotóxicos em Ronda Alta, os números relativos ao registro das intoxicações exógenas por agrotóxico agrícola são insignificantes. Até 2016 Ronda Alta constava na lista de municípios silenciosos para este tipo de agravo. Em uma série histórica de 10 anos (2011-2021) Ronda Alta apresentava somente um registro de intoxicação exógena por agrotóxico agrícola, referente ao de 2019 (SINAN, 2022).

O fato de não haver notificações registradas não significa que elas não aconteçam. Uma estimativa do Ministério da Saúde aponta que todos os anos no Brasil, mais de 400 mil pessoas são contaminadas por agrotóxicos, causando cerca de quatro mil mortes por ano em consequência dessas intoxicações (MOREIRA *et al*, 2002 *apud* ABRASCO 2012).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que a subnotificação das intoxicações causadas por agrotóxicos seja de 1:50, isto é, para cada caso notificado, existem outros 50 sem notificação (PARANÁ, 2018). Se realizarmos o cálculo baseado nesse indicador de 1:50 da OMS, somente no ano de 2019, a subnotificação estimada para esse agravo, em Ronda Alta seria de 50 registros, ou seja, 50 registros que deixaram de ser realizados no Sinan.

Outro elemento extremamente importante que pude compreender durante minha caminhada acadêmica é que a causa da subnotificação é multicausal (FALKENBERG *et al.*, 2014). Os fatores que contribuem para a subnotificação estão relacionados tanto à população exposta, que nem sempre compreende a necessidade de buscar pelos serviços de saúde quando uma intoxicação acontece, preferindo optar pela automedicação, dificuldade dos usuários em acessar os serviços de saúde, pela: distância, dificuldade de transporte, locomoção e a limitação no horário de funcionamento dos serviços de saúde (Paraná, 2018), tanto em relação aos profissionais de saúde, como a precariedade na atuação da vigilância em saúde, somado à investigação superficial dos casos notificados, inexistência de busca ativa de casos nas propriedades rurais, estratégias insuficientes para coleta de informações sobre intoxicações por agrotóxicos e a minimização da problemática dos agrotóxicos (PARANÁ, 2018).

Contribuem ainda para o cenário da subnotificação a ausência de integração da área da saúde (Atenção Básica, Serviços de Urgência e Emergência, Setor de Vigilância Epidemiológica), acrescido do conhecimento limitado das ferramentas oficiais utilizadas para a realização da notificação, como dificuldades para preenchimento da ficha de notificação, desconhecimento da ficha de notificação, ausência de informações corretas e precisas sobre a sintomatologia relacionada às intoxicações exógenas (PARANÁ, 2018).

O cenário encontrado em Ronda Alta me provocou os seguintes questionamentos: “Bem, e agora, o que fazer com esses dados levantados? O que é possível realizar para transformar esta cruel realidade para a população exposta aos agrotóxicos agrícolas em Ronda Alta, principalmente para os agricultores, que dentro da população exposta é o grupo mais afetado?”

Foi então, durante a elaboração do referencial teórico, ainda para o Projeto de Pesquisa, que fui visualizando e compreendendo que este cenário era passível de transformação, através dos processos de Educação voltados para a saúde, já que os

processos do trabalho em saúde são centrados, além da atenção, na gestão e na educação (PIRES, 2008 *apud* SIGNOR E. *et al.*, 2015) e que desde a criação do Sistema Único de Saúde no Brasil, a educação é entendida, também, como uma área da saúde (BRASIL, 1990).

As referências científicas que busquei para base do meu estudo me fizeram chegar até os processos de educação voltados para a saúde e, que, caberiam na minha pesquisa: a Educação Popular em Saúde e a Educação Permanente em Saúde, mas, também, não era “só isso” que eu buscava. Não bastava. Eu queria algo mais, algo que de fato me permitisse interagir, participando ativamente junto com comunidade de Ronda Alta, da mesma forma que eles pudessem interagir diretamente comigo e com minha proposta de pesquisa, ambos participando ativamente, um com outro, quase como uma simbiose, para juntos, chegarmos ao melhor resultado possível.

Eis, que, então, primeiramente, me deparo com a tecnologia do encontro, trabalhada por Emerson Merhy no processo da Educação Permanente em Saúde,: ironicamente nem sempre o ato de cuidar aprendendo é “obrigatoriamente transparente e óbvio” (Merhy, 2015, p. 9), mas, quando ocorre, pode-se dar em situações que podem ser intencionais ou não, em “encontros que por si agenciam novos processos coletivos” (Merhy, 2015, p. 9), nunca anteriormente ocorridos, nem mesmo idealizados ou pensados (Merhy, 2015).

Acontece que nesse acontecer vai se produzindo novas possibilidades de conhecimentos para a ação no campo da saúde e isso impacta, sem dúvida, o mundo tecnológico do cuidado” (GOMES *et al.*, 2014 *apud* MERHY, 2015, p. 9), permitindo que se utilize uma nova forma de olhar para a mesma situação, já anteriormente conhecida e, partindo deste novo olhar, novos conceitos sejam aplicados, alterando, portanto, a maneira de olhar para a mesma situação, que já era visualizada de uma forma bem definida e determinada. É poder olhar e contemplar novos horizontes, é abrir a possibilidade de incorporação de novas formas de conhecimento antes não abordadas (MERHY, 2014 *apud* MERHY, 2015).

Então, finalmente, me é apresentada a Pesquisa Participante e, conseqüentemente, Carlos Rodrigues Brandão. E, era exatamente o que eu sempre busquei para minha trajetória acadêmica.



O fato de eu ser uma trabalhadora de saúde atuando há 20 anos na Secretaria Municipal da Saúde de Ronda Alta e, por este ser, um município pequeno onde todos se conhecem, potencializam a escolha da Pesquisa Participante, já que esta pesquisa foi desenvolvida com a comunidade que diariamente faz parte da minha rotina profissional e pessoal. Além do mais a pesquisa participante pode promover as relações interpessoais, através do encontro “face a face” de pessoas/profissionais/pesquisadora “capacitados”, aqui na função de coordenador/facilitador da atividade com “os populares”, entendidos, esses, como as pessoas pertencentes à organização social em que a atividade é desenvolvida (BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 53).

A pesquisa participante se fundamenta “nas experiências que preservam vínculos entre a pesquisa participante e os movimentos sociais” (BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 53), o que também se faz cheio de significado na pesquisa, realizada, já que, Ronda Alta tem sua história marcada pela forte atuação do Movimento dos Trabalhadores Rurais (MST) nas décadas de 70 e 80, com as famosas ocupações das Fazendas Natalino, Sarandi, Macalli e Brilhante e, muitos dos usuários que participaram das ações da pesquisa são, ainda, moradores das áreas de assentamento oriundas do grande processo de Reforma Agrária que aconteceu nesta região.

## DESENVOLVIMENTO/METODOLOGIA

A pesquisa que originou esta escrita foi desenvolvida baseada na abordagem qualitativa participante interpretada pela perspectiva da hermenêutica, em concordância com a perspectiva de Minayo e Sanches (1993, p. 242), por reconhecerem “o social como um mundo de significados passível de investigação”.

A pesquisa participante foi escolhida pelo fato dela ter se originado “dentro de diversas unidades de ação social que atuam preferencialmente junto a grupos ou comunidades populares” (BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 53) e pelo fato das suas ações serem colocadas “em prática dentro de movimentos sociais populares emergentes” ou ainda por se reconhecerem com/estarem à serviço destes movimentos sociais e atuarem para os movimentos sociais (BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 53).

Contribui ainda para essa escolha o fato dessa metodologia poder ir além da “simples coleta de dados” em campo, tomando para si os territórios onde a ação social é realizada (BRANDÃO, 2008, p. 8), pois é da natureza da pesquisa participante “projetos

de envolvimento e mútuo compromisso de ações sociais de vocação popular” (BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 53). Essa característica é peculiar também à Educação Popular em Saúde (BRANDÃO, 2008, p. 8), que foi uma das ações desenvolvidas pela pesquisa. Além do mais, tanto a pesquisa participante como a educação popular em saúde “partem de diferentes possibilidades de relacionamentos entre os dois pólos de atores sociais envolvidos, interativos e participantes” (BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 53).

Para registros dos dados coletado utilizou-se um Diário de Reflexões, já que, esta ferramenta me permitiu descrever/relatar também sobre as emoções (a alegria dos encontros face a face), os sentimentos, as entrelinhas, o dito que nem sempre é falado, buscando inspiração em Arenhaldt (2005, p. 23), que aborda muito bem o importante papel do Diário de Reflexões em uma pesquisa, pois assim também entendo que, além do próprio resultado da pesquisa, se faz importante “explicitar o percurso da pesquisa”(ARENHALDT, 2005 p. 23)

Além do mais, o trabalho de campo idealizado por Carlos Brandão, utilizado para coleta de dados em pesquisas, se mostra como uma possibilidade mais ampla, que vai muito além de um ato puramente/simplesmente científico em si: “O trabalho de campo, a pesquisa antropológica, para mim, é uma vivência, ou seja, é um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento, que diferentes categorias de pessoas fazem,” e, que não deixa de ser sempre, repleta de subjetividades (BRANDÃO, 2007, p. 12).

O território da pesquisa foi o município de Ronda Alta, RS. Em função da causa da subnotificação ser multifatorial, envolvendo diferentes coletividades, o público alvo selecionado, foi a população exposta aos agrotóxicos agrícolas e os profissionais de saúde, em uma proposta intersetorial envolvendo as instituições municipais que já possuíam vínculos, tanto com a população exposta quanto com os profissionais de saúde, para otimizar a participação do público selecionado nas atividades de formação. Fizeram parte ainda da pesquisa, a Rádio Comunitária Navegantes e o Conselho Municipal de Saúde.

A população exposta foi representada na pesquisa pelos agricultores sócios do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), agricultores atendidos pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER-ASCAR-RS) - Escritório Municipal

além dos usuários de saúde participantes dos grupos de Promoção da Saúde da Secretaria Municipal da Saúde (SMS) de Ronda Alta, que foram realizados nos salões comunitários dos bairros urbanos e comunidades do interior que compõe o município.

Os profissionais de saúde selecionados foram os que atuam na Atenção Básica, composto pelas Equipes de Saúde da Família das Estratégias de Saúde da Família 01, 02,03 e 04, mais os profissionais de saúde que atuam no setor de Urgência e Emergência do Hospital da Associação do Trabalhadores de Ronda Alta-ATRA, Hospital este que possui o convênio “Programa Porta Aberta para Urgências e Emergências”.

Por se tratar de uma pesquisa extensa, as ações que compuseram a parte prática da pesquisa, foram divididas em “Etapas”, facilitando assim, a melhor compreensão para os leitores. As etapas foram desenvolvidas de 22 de novembro de 2022 a 22 de maio de 2023.

Como primeira etapa foi realizada, uma reunião, no modelo Roda de Conversa, intitulada “Café com Informação”, com os responsáveis técnicos (RTs) das instituições municipais que têm relação com o setor da agricultura: Emater/RS-Ascar, STR, além dos RTs pelos serviços de saúde selecionados para esta pesquisa, SMS e Atra.

Na segunda etapa aconteceu a apresentação do projeto de pesquisa para os conselheiros municipais de saúde presentes na Reunião Mensal Ordinária: dezembro de 2022. O propósito desta ação foi o de informar os conselheiros sobre a realização da pesquisa em Ronda Alta, para que estes pudessem auxiliar na divulgação e sensibilização da mesma junto às organizações, comunidades e entidades dos quais são representantes, fortalecendo o desenvolvimento das ações propostas e dando visibilidade ao problema de saúde pública envolvendo os agrotóxicos agrícolas em Ronda Alta.

Na terceira etapa foram realizadas as atividades de Educação Permanente em Saúde com os profissionais de saúde dos serviços selecionados. Na quarta e última etapa foram desenvolvidas as atividades de Educação Popular em Saúde para a população exposta.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram realizadas 9 Atividades de Educação Permanente em Saúde, com a participação de 47 profissionais de saúde, somando 20 horas de formação com os principais serviços de saúde de Ronda Alta. Além da formação, alguns profissionais de saúde manifestaram o interesse em ampliar seu conhecimento sobre a temática da pesquisa. Partindo desta demanda, foi criado um repositório virtual, no formato de “drive” com a participação de 17 profissionais de saúde, compartilhando material técnico/científico sobre os agrotóxicos agrícolas e os impactos na saúde humana.

Em relação às atividades de Educação Popular em Saúde, estas somaram 11 atividades, trinta e três horas de atividades formativas com a população exposta da comunidade de Ronda Alta, totalizando 144 participantes.

Ainda como resultado da pesquisa e, por se tratar de um mestrado profissional, foi desenvolvido um Produto Técnico de Comunicação, no formato de *podcast*, intitulado “Momento Saúde”, contendo 10 *podcasts* com conteúdo informativo, relacionado à sintomatologia causada pelas intoxicações exógenas agudas por agrotóxicos. O objetivo deste produto técnico foi o de popularizar as informações da pesquisa. Os *podcasts* foram gravados, editados e divulgados com a importante parceria da Rádio Comunitária Navegantes através da frequência 104.9 e canal do *facebook* da Rádio Comunitária, identificado como “Rádio Navegantes”, em 10 programas sequenciais<sup>2</sup>.

De mais, a pesquisa ainda permitiu constatar que as intoxicações exógenas por agrotóxicos agrícolas acontecem de forma rotineira e grave em Ronda Alta, porém não estão sendo registradas no SINAN tanto pela falta de procura por parte da população exposta, que, habitualmente prefere se utilizar de fórmulas caseiras como “antídoto” para as intoxicações, como limão, cachaça, leite, salmoura, ou ainda optam pela automedicação ao procurarem a farmácia e não os serviços de saúde. Problemas em relação ao acesso aos serviços de saúde como: distância ou horário de funcionamento não foram relatados pela população exposta. No geral, a grande questão levantada pela população exposta foi, “como saber se aqueles sintomas que eles estavam sentindo era “mesmo” causado pelos agrotóxicos”? A resposta? Nexo-Causal.

---

<sup>2</sup> O primeiro programa transmitido no dia 15 de junho de 2023, e disponível ainda em <https://podcasters.spotify.com/pod/show/carla-agostini>.

Em relação aos profissionais de saúde, o que a pesquisa pode evidenciar é que primeiro: a grande maioria dos profissionais de saúde que participaram da pesquisa não tinham conhecimento das características do seu território de atuação e, conseqüentemente, do contexto epidemiológico ao qual Ronda Alta pertence. Ainda surgiram muitas dúvidas em relação ao processo de notificação em si, como, não saber que a notificação por agrotóxicos agrícola está na lista de notificações compulsórias do MS e, portanto, obrigatória de ser realizada e, também, a mesma dúvida levanta pela população exposta: como comprovar que foi agrotóxico?

A pesquisa que realizei em Ronda Alta não vai resolver o problema dos agrotóxicos agrícolas nem neste território, nem em outros. Mas ela permitiu que, em Ronda Alta, a população exposta tivesse acesso a informações qualificadas sobre os impactos destes produtos para a saúde humana e neste caso em específico para a saúde dos participantes.

Permitiu também que todos juntos, pesquisadora, gestor de saúde, profissionais de saúde, população exposta, Conselho Municipal de Saúde e responsáveis técnicos das instituições participantes da pesquisa visualizassem o grande problema de saúde pública que temos em Ronda Alta, através de uma importante reflexão crítica, sobre as principais características do território que moramos e/ou atuamos.

Além do mais serviu para reflexão, para que tanto população exposta quanto os profissionais de saúde ampliassem seu conhecimento sobre a sintomatologia das intoxicações exógenas, servindo para facilitar o diagnóstico/a identificação, além de chamar atenção da população exposta, principalmente para os agricultores que trabalham diretamente com estes produtos que, mesmo aquele produto que, aparentemente, parece inofensivo (“parece água”, como os agricultores relatam, “nem tem cheiro”) é “veneno” é agrotóxico agrícola e tem impacto direto na sua saúde, contribuindo assim na prevenção das intoxicações exógenas.

Como autora, posso dizer que a pesquisa movimentou a cidade, servindo para que todos aumentem a atenção e cuidado ao utilizar estes produtos. Também preciso dizer que ter escolhido realizar a pesquisa desta forma, eu diria “comunitária”, podendo chegar até as comunidades mais distantes do interior de Ronda Alta, onde nem sempre a informação/a educação em saúde chega foi um privilégio. Foi muito mais, além de uma realização acadêmica, foi também uma realização pessoal, ética, política e social.

Esta forma de pesquisa me permitiu ampliar o que eu sou, o que vivo, as minhas escolhas de vida diárias para o campo acadêmico. E, eu me realizei como ser humano, pode até parecer utopia (talvez seja, talvez não) de nunca desistir de transformar o mundo num lugar melhor para se viver para todos. E, Carlos Brandão contribui para isso, na medida que me mostrou uma outra forma possível de fazer pesquisa que eu ainda não conhecia. Que eu podia sim “chegar perto”/interagir com os pesquisados e que eles não eram somente uma simples coleta de dados, que eu podia sim, ser quem eu sou, numa pesquisa acadêmica, apaixonada pelo ser humano.

A pesquisa participante de Carlos Brandão me ensinou que o afeto, os sorrisos, os abraços, as reações que ocorrem nos encontros “face a face”, com as quais, pessoalmente me identifico, podem e devem fazer parte de uma pesquisa acadêmica. Me ensinou também que uma pesquisa acadêmica não precisa ser “fria”, monótona, entediante, distante dos “objetos de estudos”, mas que uma pesquisa acadêmica pode ser viva, alegre, acalorada, barulhenta, que os objetos de estudo podem ser a D. Maria, Marlene, Joana, Camila, Dilene, ou o sr. José, Pedro, Miguel, Lourenço e tantos outros seres humanos, receptivos e cheios de amor que fizeram parte da minha pesquisa. A pesquisa participante me permitiu me sentir, de fato, “à serviço” da população pesquisada, tomando para mim os lindos encontros vivenciados.

Uma das minhas críticas em relação às universidades, em especial as públicas, é o fato dela estar “lá”, “murada”, à disposição de um pequeno grupo privilegiado de pessoas, mesmo após o programa de democratização do ensino superior, que aconteceu no Brasil, a partir de 2003, durante os primeiros governos Lula e, que também me considero fruto desta política pública. Mas as universidades ainda estão muito longe das pessoas e das comunidades, que são de fato quem precisa de seus serviços e de suas descobertas e contribuições acadêmicas. As universidades precisam extrapolar seus muros indo ao encontro das comunidades. Entendo que este seja o legado que Carlos Brandão, através da sua pesquisa participante, deixou para a humanidade, de estar lá, próximo, junto, fazendo com, organizando com, promovendo com. E no final é só isso que importa, a ciência só tem sentido quando é aplicada para melhorar as condições de vida das pessoas, contribuindo para um mundo local/global melhor.

Poder trabalhar com a Pesquisa Participante foi uma grata surpresa, que me permitiu evoluir, não só na caminhada acadêmica, mas, um degrau a mais como ser humano.

## REFERÊNCIAS

ARENHALDT, R. **Das docências narradas e cruzadas, das surpresas e trajetórias reveladas**: os fluxos de vida, os processos de identificação e as éticas na escola de educação profissional. Porto Alegre, UFRGS, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE COLETIVA - ABRASCO. **Dossiê ABRASCO**: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde - 2ª Parte. Rio de Janeiro: Abrasco, 2012. Disponível em: [http://www.cvs.saude.sp.gov.br/zip/Dossie\\_Abrasco\\_02.pdf](http://www.cvs.saude.sp.gov.br/zip/Dossie_Abrasco_02.pdf). Acesso em: 7 dez. 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Reflexões sobre como fazer um trabalho de campo**. Sociedade e cultura. Universidade Federal de Goiás: Goiânia, vol. 10, nº 1, p. 11-27, jan/jun, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/1719/2127>. Acesso em: 07 julho 2024.

BRANDÃO, R. C. **a partilha da vida**. Disponível em: <https://apartilhadavida.com.br/>. Acesso: 07 julho 2024.

BRANDÃO, R. C. **Pesquisa participante**: um falar sobre ausências e silêncios. São Paulo: [s.n.], 2008. Disponível em <https://apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/escritos/PESQUISA/PESQUISA%20PARTICIPANTE/A%20%20PESQUISA%20PARTICIPANTE%20-%20UM%20FALAR%20SOBRE%20AUS%20C%28ANCIAS%20E%20SIL%20C%28ANCIOS%20-%20rosa%20dos%20ventos.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2022.

BRANDÃO, R. C.; BORGES, C. M. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 6, p. 51-62, jan./dez. 2007. Disponível em: <file:///D:/Downloads/admin,+REP-2008-109.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2022.

BRASIL. Decreto n. 4.074, de 04 de janeiro de 2002. Regulamenta a Lei n. 7.802, de 11 de julho de 1989. Brasília, DF, 2002a. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2002/d4074.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4074.htm). Acesso em: 04 dezembro 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução MS/CNS nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei n. 8.080**, de 19 de setembro de 1990. Brasília: Casa Civil, 1990. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8080.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm). Acesso em: 10 abr. 2022

BRASIL. Sistema de Informação de Agravos de Notificação. Doenças e Agravos de Notificação: Intoxicação Exógena. **Relatório 2011-2021**. Disponível em: <http://portalsinan.saude.gov.br/dados-epidemiologicos-sinan>. Acesso em: 5 abr. 2022.

FALKENBERG, B. M. et al. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 847-852, mar. 2014

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cidades e Estados – Ronda Alta: panorama**. Brasília: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/ronda-alta/panorama>. Acesso em: fev. 2024.

MERHY, E. E. Educação Permanente em Movimento: uma política de reconhecimento e cooperação, ativando os encontros do cotidiano no mundo do trabalho em saúde, questões para os gestores, trabalhadores e quem mais quiser se ver nisso. **Saúde em Redes**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 7-14, 2015.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993.

PARANÁ. Secretaria Municipal da Saúde. Saúde de Populações Expostas à Agrotóxicos. **Intoxicações Agudas por Agrotóxicos-Atendimento Inicial do Paciente Intoxicado**. Material Técnico. 2018. Disponível em [https://www.saude.pr.gov.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/documento/2020-04/intoxicacoesagudasagrototoxicos2018.pdf](https://www.saude.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020-04/intoxicacoesagudasagrototoxicos2018.pdf). Acesso em: 15 dez. 2019.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural. Sistema Integrado de Gestão de Agrotóxicos-SIG@. **Planilha de volume de agrotóxico comercializado em 2018 no município de Ronda Alta**. [S.l.: s.n.], 2019.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural. Sistema Integrado de Gestão de Agrotóxicos-SIG@. **Planilha de volume de agrotóxico comercializado em 2019, 2020, 2021 e 2022 no município de Ronda Alta**, [S.l.: s.n.], 2023.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Estadual de Saúde. Centro Estadual de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico**, v. 18, n. 1, 2016.

RONDA ALTA. Município. Secretaria Municipal de Agricultura. **Plano Municipal de Desenvolvimento Rural 2017-2021**. Prefeitura Municipal de Ronda Alta, jun. 2017.

SIGNOR, E. et al. Educação permanente em saúde: desafios para a gestão em saúde pública. **Revista de Enfermagem da UFSM**, Santa Maria, v. 5, n. 1, p. 1-11, 2015.

SILVA, N. E. et al. Educação para a Saúde: o Conhecimento como Ferramenta de Redução dos Riscos da Exposição Ocupacional a Agrotóxicos. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2, 2004, Belo Horizonte, MG. **Anais**. Belo Horizonte: [s.n.], 2004.

(Recebido em fevereiro de 2024; aceito em fevereiro de 2024)